

ANNO X  
NUMERO 233



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
*Praça dos Restauradores, 43 a 49*  
LISBOA

# MOOTCY

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!



Fazemos nascer cabelo aos calvos  
e barba aos sem ella em 20 a 24 dias.

O preço para o **MOOTCY** é  
de **2\$515 réis** por porção (uma  
porção chega perfeitamente).

Mootcy Dépôt Ditmar Koelstr, 3, Hamburgo, 164.

Deposito em Lisboa:

Ferreira & Ferreira Succes. — 99, Rua da Prata, 101

DISPONIVEL

# Augusto d'Aquino

Rua dos Correios, 92

## Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

# CARL HARDT

## FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

**A. HARTRODT**

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

**Hamburgo — Porto — Lisboa**

**Antuerpia — Porto — Lisboa**

**Londres — Porto — Lisboa**

**Liverpool — Porto — Lisboa**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

**L A M B E R T I N I**

**Pianos** das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc.

**Musica** dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

**Instrumentos diversos**, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

**PRAÇA DOS RESTAURADORES**



Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Rameau — A Arte Grega — Notas Vagas — Concurso de Musica Portugueza — Carta das Caldas — Noticiario — Necrologia.

## Rameau

Dijon orgulha-se de ser a cidade onde nasceu o maior musico francez do seculo XVIII. Ha anos celebraram-se pomposas festas á memoria do genial compositor, sendo inaugurada nessa occasião uma estátua, obra do illustre artista Guillaume.

João Filipe Rameau nasceu a 25 de setembro de 1683. Seu pai, que era organista, ensinou-lhe as primeiras noções de musica, sem pensar que seu filho seguiria a carreira musical, pois elle próprio conhecia as dificuldades e as amarguras da mesma. Destinava-o á magistratura.

A sua educação literária foi confiada aos jesuitas que bem depressa se certificaram que

Rameau não tinha nenhum geito para o grego nem para o latim.

Os seus cadernos estavam cheios de notas, mas notas... de musica.

Além disso, tinha um carater tão indisci-

plinado que d'aí a algum tempo foi entregue á familia.

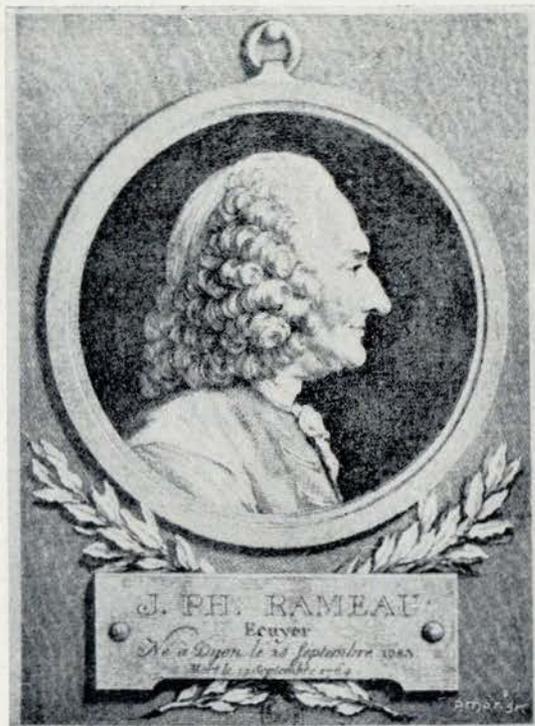
O preguiçoso discipulo depois que saíu do colégio nunca mais abriu livros senão os que disiam respeito á sua arte predileta, abandonando até a sua própria educação literária, aperfeiçoando-se depois graças a um amôr que teve por uma visinha, uma joven e encantadora viuva a quem tinha que escrever cartas apaixonadas, mas sem erros de estilo e de ortografia...

Os seus amôres não eram do agrado do pai e por isso querendo acabá-los, experimentou as viagens para vêr se se esquecia da viuvinha.

Mandou João Filipe para a Italia, mas pouco tempo lá esteve. Depois de têr feito com outros musicos uma digressão artistica pelo Meio-Dia da França — pois era já então um bom violinista e cravista — regressou á cidade natal que lhe ofe-

receu o logar de organista na Santa-Capela.

Mais tarde, no ano de 1717, está de nôvo em Paris, ainda desconhecido e já com trinta e quatro anos: a glória fasia-se esperar. Depois de se vêr preferido por um musico sem



valôr, num concurso para organista de Saint-Etienne de Lille, Rameau desgostou-se bastante. Mas d'aí a pouco tempo foi chamado para substituir seu irmão como organista na catedral de Clermont-Ferrand

Foi aqui que Rameau compôz o célebre *Tratado de Armonia* que colocou o seu nôme em evidencia. Mas não éra bastante têr escrito esta obra. Éra preciso publicá-la. Rameau pensou em deixar o logar de organista o que não éra muito facil, pois éra muito admirado e tinha um contrato por bastante tempo e os cónegos da catedral não queriam ouvir falar em anulação.

Rameau, desesperado, começou a tirar do orgão uns sons tão ásperos e desagradaveis, que as musicas que até então os encantávam, principiáram a aborrecê-los imensamente. Rameau triunfou com o seu pretêxo e voltando a Paris publicou o livro que foi acolhido entusiásticamente pêla crítica, ao mêsmo tempo que se assinaláva a sua reputação de artista, publicando algumas cantatas e sonatas para o cravo.

Ofereceram-lhe então o logar de organista na igrêja Saint-Croix-de-la Bretonnerie, para vêr se Rameau tomáva uma vida mais regular para compôr á sua vontade e socegadamente.

O primeiro colaboradôr de Rameau, no teatro, foi um rapaz, natural de Bourgogne, chamado Piron, que lhe confiáva a musica para diversas comédias que escrevia para a feira de Saint-Germain. Cômô se vê, não éra êste um dos melhores meios para Rameau se evidenciar como compositor.

Entretanto publicou diversas obras de teoria musical, obras que lhe asseguráram mais a sua reputação, o que lhe valeu para sêr chamado como professôr de algumas casas ricas.

Devido a uma das suas alunas, M.<sup>o</sup> de la Popelinière, espôsa do general do mêsmo apelido, Rameau conseguiu finalmente fasêr ouvir a sua primeira grande obra: uma ópera bíblica intitulada *Samson*, libretto de Voltaire. Infelizmente a ópera não pode sêr representada no teatro porque o enredo tinha sido tirado dos santos livros. Rameau tinha perto de 50 anos. A proteção de M.<sup>o</sup> de la Popelinière forneceu-lhe ainda ensejo de se tornar mais conhecido e desta vêz nenhuma coisa prejudicou o seu triunfo. Rameau tinha obtido, não sem dificuldade, um libretto dum escritôr que estava em moda, o abade Pellépin. *Hippolyte et Aricie* foi representada na Academia Real de Musica, no dia 1 de outubro de 1733.

E' dêsde esta data que Rameau principia a vivêr no meio de successivos triunfos e aplausos.

O numero das óperas de Rameau é bas-

tante consideravel. Entre outras citamos as seguintes: *Les Indes galantes*, *Castor et Pollux*, *Dardanus*, *Zoroastre*, etc.

E' o suficiente para dar uma ideia da sua prodigiosa fecundidade e da sua extraordinária atividade, o saber-se que Rameau compôz 36 obras dramáticas e uma dusia de volumes sôbre a teoria da musica, entre 1733 e 1760, isto é, em mênos de 30 anos, dêsde os 50 até aos 77.

«Esta enérgica vitalidade, diz um dos seus biógrafos, Felix Clément, que conservou num côrpo de aspêto franzino e debil, deve-a o artista á sobriedade e á moderação de que fêz sempre uma lei. Acusáram no muitas vêses de avarento se bem que ajudou com a sua bôlsa o compositor Dauvergne e o organista Dalbâtre, tendo dado tambem por muito tempo uma mensalidade á sua irman doente. O que deu logar a esta censura foi o caso que se passou com Luiz XV que lhe tinha concedido uns titulos de nobrêsa para o podêr agraciá-lo depois com a ordem de Saint-Michel. Rameau recusou, alegando as despêsas officiais que tinha a pagar. Todavia a consciencia do seu valôr e a pouca ambição que tinha por estas honras fôram talvez as causas da recusa e não a apreensão da despêsa.

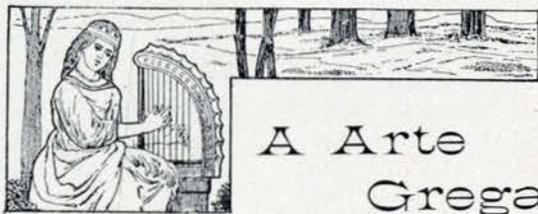
«A minha nobrêsa está aqui e aqui», respondeu Rameau apontando a frente e o coração.»

Rameau foi sempre um homem honrado — o que é muito raro — um pouco taciturno, o que lhe causou alguns inimigos, mas teve por fim a estima geral.

Faleceu com mais de 80 annos, a 12 de setembro de 1764. Fiséram-lhe grandes exéquias na igrêja de Saint-Eustache.

Cômô compositor dramático é um dos maiores génios que a França tem tido.

CARLOS CILIA DE LEMOS.



## A Arte Grega

E' talvez opportuno o momento para se estudar a questão da musica antiga dos gregos, sob o seguinte ponto de vista:— Pódem obter-se com os meios da arte moderna os

efeitos que *suppómos* derivassem das *series diatonicas* que constituíam os modos gregos? (1)

Digo *suppómos* porque se deve sempre abstrahir do acompanhamento da melodia dos Gregos, constituido por sons mais agudos que a propria melodia e formado d'intervallos que não são bem aceites pelo nosso sentimento esthetico; um tal conjuncto, realisando um absoluto contraste com o systema harmonico da musica moderna, torna-se incomprehensivel para nós.

Refiro me apenas ás *series diatonicas* porque as *chromaticas* gregas eram baseadas em principios diferentes dos que regem a nossa gamma, eliminando dois sons diatonicos em favor dos *chromaticos*; quanto ás *enharmônicas*, na subtiliza com que eram ordenadas, escapam hoje á justa apreciação do seu emprego.

Supponhamos portanto que se obtivessem efeitos maravilhosos nos diversos *ambitos* preparados pelos modos gregos e não pensemos em que, se n'elles predominam sons diversos que caracterizam a melodia, para nós

que nos reportamos sempre ao principio da tonalidade, qualquer melodia, de qualquer *modo*, soará sempre aos nossos ouvidos na escala que apresenta as successões regulares a que estamos habituados, isto é, na escala typica de *dó*, ainda que comece e termine em qualquer dos graus da mesma.

Para relevar a differença essencial da theoria antiga notemos que para os gregos o modo typico, de que todos os outros derivavam, era o *dorio*, correspondente aos sons: *mi, ré, dó, si, lá, sol, fá, mi*.

Depois da transformação por que passaram os modos gregos quando, adaptados ao cantochão, acabaram por dar origem aos modos maior e menor, pela simples razão de que alguns (*lydio, hypolydio, hypophrygio*) tinham maior o terceiro grau, e outros (*phrygio, dorio, hypodorio e mixolydio*) tinham o menor, e que em todos, impondo-se com a harmonia o sentimento da tonalidade, o 7.º grau ascendente tende a resolver-se sobre o 8.º na relação de 3.ª maior sobre a 5.ª (ou seja de 7.ª maior sobre a tonica), depois de tal transformação podia perfeitamente surgir a du-

(1) O quadro seguinte pode resolver qualquer confusão sobre o nome dos antigos modos.

Escala de	Denominações gregas	Denominações do canto ecclesiastico	Denominações de Glareanus	Denominações d'Helmoltz	Equivalentes á escala de
DÓ	Lydio	Hypolydio (Tritos plagale)	Jonico	Modo maior	Dó maior
RÉ	Phrygio	Dorio (Protos autentico) Hypomixolydio (Tetartos plagale)	Dorio	Modo de 7.ª menor	Dó com 2 bemoes na clave
MI	Dorio	Phrygio (Deuteros autentico)	Phrygio	Modo de 6.ª menor	Dó com 4 bemoes na clave
FÁ	Hypolydio ou Sintonydio	Lydio (Tritos autentico)	—	Modo de 5.ª	Dó com 1 sustenido na clave
SOL	Hypophrygio ou Jonico	Mixolydio (Tetartos autentico)	Mixolydio	Modo de 4.ª	Dó com 1 bemol na clave
LÁ	Hypodorio, Eolio ou Locridio	Hypodorio (Protos plagale)	Eolio	Modo de 3.ª menor ou Modo menor	Dó com 3 bemoes na clave
SI	Mixolydio	Hypophrygio (Deuteros plagale)	—	Modo de 2.ª menor	Dó com 5 bemoes na clave

vida de que a arte grega, posta em confronto com a moderna segundo os principios em que esta se baseia, possuisse meios d'expressão mais variados e mais efficazes.

Não é essa comtudo a minha ideia; creio pelo contrario que a musica moderna possui, nas alterações chromaticas da sua escala, palheta mais rica que a que resultava das relações variaveis dos tons nas series gregas, ainda que se considere como tonica o primeiro grau das mesmas.

De facto a harmonia moderna consente o uso da 2.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> menores, como nas escalas gregas, e tem a base da modulação no emprego da 7.<sup>a</sup> menor, que é tambem grau descendente da escala menor, á semelhança dos modos phrygio, dorio, hypophrygio, hypodorio e mixolidio.

Contém porém este ultimo um intervalo — á quinta diminuta — que não se encontra nas escalas modernas em relação com a tonica, tendo-o comtudo n'outros graus (no septimo por exemplo) e ha em compensação novas notas chromaticas que dão energia especial a algum dos nossos accordes, mercê da quarta, quinta e sexta augmentadas.

Em verdade é preciso reconhecer que, sob o ponto de vista da melodia, a arte grega utilizando ambitos diversos, dentro dos quaes se accentuam diversas sonoridades, podia atingir uma delicadeza de tintas e de cambiantes, de que nós não sabemos dispôr e talvez nem possamos comprehender.

Mas nem tudo se subtrah á nossa imaginação; assim, por exemplo, chegaremos a figurar um canto no modo hypophrygio (escala de *sol*) com um seguimento de sons que se mantenham sempre em torno da dominante sem nunca resolver para a tonica — e um canto no modo hypolydio (escala de *fa*) dar-nos-hia a impressão de uma tessitura melódica tendente á quinta. Não esqueçamos tambem que o lydio é o nosso modo maior, que o phrygio, o dorio e o hypodorio são pouco mais ou menos semelhantes ao modo menor, com forte intensidade de caracter no ultimo e que o mixolydio nos produz o effeito, accentuadamente triste, de um possivel modo menor com a 2.<sup>a</sup> e a 5.<sup>a</sup> menores.

Mas é sempre sophisma confrontar o resultado de uma transformação essencial, creada por um factor novo (a harmonia moderna), com o longiquo principio que lhe deu origem; é preferivel observar, para patentear o destaque existente entre a arte grega e a moderna, que se hoje quizessemos harmonisar um canto em modo mixolydio, devia pôr-se no primeiro grau da escala que o caracteriza o acorde de 3-6, destruindo assim a tonalidade que theoreticamente lhe attribuímos, para dar logar a outra.

Parece-me poder concluir que os meios hodiernos da arte musical não só consentem todos os effeitos que podemos entrevêr na musica grega, mas permitem-nos além d'isso os modos hypolydio e hypophrygio, de sabôr tão especial e que os alaúdistas do seculo xvi empregaram, apesar de não secundados pelos seculos seguintes, em que o esforço era exclusivamente dirigido no sentido da definitiva adopção dos nossos actuaes modos.

Esses dois modos gregos, empregados *cum grano salis*, concorreriam talvez para juntar força e variedade d'expressão a uma arte, que pôde parecer exhausta pela tendencia da hora actual para a extranheza e obscurantismo.

1908

DOTT. OSCAR CHILESOTTI.



### CARTAS A UMA SENHORA

119.<sup>a</sup>

De Lisboa

Continuando.

Aqui tenho agora esta linda e suggestiva quadra com que abre o *Pão e as Rosas* de Affonso Lopes-Vieira:

Homem que passas, sombra de tristeza,  
lavrador da roseira e da seara:  
colhe na terra da tua alma clara  
pão de Bondade, rosas de Belleza.

O encantador e precioso livro que assim começa é bem a obra de um poeta de raiz, que visceralmente sentirá as coisas por um modo diverso d'aquelle por que a maioria as sente...

Mas o que são Poetas?

Poetas são creaturas que ficam com olhos de creança, disse o subtil Daudet; no emtanto com o respeito devido, talvez antes pudesse dizer-se que são creaturas que nasceram com olhos d'uma visão *diferente*: visão mais profunda e mais extensa, mais fulgurante e mais completa. Não só como creanças nos fitam ou como velhos nos prescram, pois dir-se-hia que, ao menos por instantes, elles

adquirem a penetração ideal da própria luz na essência, e a hypersthesia illimitada de toda a gama do sentimento e da razão, em ser...

E' claro que nem todos, lá porque fazemos versos, merecemos esse nome, e quasi poderia aventar-se que, em determinados casos, precisamente porque fazemos versos é que em verdade poetas não somos — nem seremos.

Foi assim, e assim sempre será. Affonso Lopes-Vieira pertence, porém, ao numero dos raros que de nascença vieram com esse geito, e escrevendo, quer rime quer não, da mesma maneira que falando ou pensando, elle surgir nos ha amorosamente unguido pelo beijo astral da Poesia pura, e a linguagem em que se nos dirigir nunca deixará de ter á nossa vista o vivido fulgor que só a emoção transmite e só a sensibilidade cria.

Todos notaram isso no seu *Ar livre*, todos voltámos a notal-o no *Pão e as Rosas*. Prova-o logo aquella pagina de entrada em que o auctor regista que

chora profundo em nós o vasto mundo;

depois essa transcendente *Lei da vida* onde se lêem quadras como esta

(*Rockfeller, chorando sobre um cofre*)

Emquanto quiz amontoei meu oiro,  
que rola e alastra, é rio, é onda e açude:  
ai! quem me dá — por todo o meu tesouro —  
um bocadinho de saude?...

e até a doce *Canção das tres gottas de agua*,  
e as *Bolas de sabão*

... corpos cuja alma vaporosa  
apenas é um sôpro de creança

e onde

... n'um deslumbramento  
canta, perpassa, brilha á claridade  
esse abismo infinito d'um momento:  
um pouco de Eternidade.

Mas se quizessemos mais exemplos tinhamos esse por mais de um titulo delicioso trecho *Ultimos dias do Papa*, tocado a um tempo d'uma doce ironia risonha e d'uma erudita visãoção d'almas, as *Saudades do mar*, o *Luar e o sol*, e muitas outras.

Poderia citar-lhe ainda *As velhas imagens*, ou a *Canção do linho*

Não pretendo porém antepôr as minhas impressões ás suas, querida amiga, e porque de antemão sei ter destinado ao *Pão e as Rosas* um dos mais appetecidos logares na es-

tante dos seus poetas, limitar-me-hei a citar ao acaso, mais algumas notas esparsas d'esse livro.

Por exemplo, leio enternecido esta quadra:

O musgo é suave e é terno,  
tem a macieza das lans;  
e ás grandes rugas do Inverno  
dá a doçura das cans...

e esta consagrada ao immortal Beethoven:

Na alma heroica do músico ecoando,  
falou tudo que é mudo e elle intendia:  
Divino surdo, que ouviu Deus falando,  
Prometheu sobre o monte da Harmonia.

e julgo um primor de simplicidade e de frescura, toda essa serie de impressões sobre S. Francisco de Assis, levemente notuladas e transcriptas n'uma lingua clara e dôce, e com as quaes o livro fecha.

Ainda poderia disrecrear sobre o *Raio do Sol*, o *Beijo do meio-dia*, a *morte das paisagens*, mas não se me afigura preciso.

De certo gostaria de o fazer, porque sempre me foi grato encher o espirito com o divino clarão que a poesia em tudo põe, pois quando ella nos abandona, o mundo apparece-nos arido e banal,

«e fica em todos a melancolia  
que deixa toda a luz que se apagou.»

para me servir de duas linhas do proprio Affonso Lopes-Vieira.

Infelizmente, é mister resumir-me, já que, mal de mim, não consegui condensar em lapidares palavras o que para aqui fui deixando escorrer ao sabor da penna.

Resta-me concluir.

O que penso então do *Pão e as Rosas*? perguntará V. Ex.ª.

Penso que fere na poetica portugueza d'estes tempos uma nota nova ou pelo menos pouco vibrada, apesar de arrancada a cordas antigas e que o seu auctor, como o auctor da *Alma errante*, não são lyricos meramente egocentricos contando-nos de passagem apenas aquellas coisas que pessoalmente os magoaram ou excepcionalmente os fizeram sentir.

O seu subjectivismo tem-me ares de ser muito objectivo, se me é permitido o paradoxo e licita a contradicção.

Quero dizer que um e outro d'estes verdadeiros poetas possuem da existencia e do mundo uma comprehensão mais vasta e mais profunda do que o geral dos seus irmãos que modernamente veem synthetizando na linguagem do verso a especial noção que da vida receberam, e que fitando o espectaculo unico

que as almas e as idéas, os factos e os seres a olhos terrenos agora mostram, d'elle tiram mais do que simples effeitos de côr ou de som, de rythmo ou de estylo, e humanamente aspiram a deixar em cada um de nós um pouco mais de luz, um pouco mais de amor...

Os processos a que cada qual recorre são differentes ou oppostos? Não o contestarei; mas, taes quaes são, quero crer que ambos confluem e se encontram n'esse grande e nobre rio do Ideal, que hoje mais do que nunca, terá de refrescar as seccas e esterilizadas margens por sobre as quaes, inconsciente e sceptica, ou egoista e cynica, uma parte da humanidade vae seguindo, sem se deter sequer a contemplar os fulvos astros que no ceu lucilam...

Essa é por isso a missão de alguns que no mundo vivem, desferindo cantos, harmonizando rimas...

Pelo que pela minha parte os bemdigo.

Ah! minha amiga, é que em meio de tanta tristeza e de tanta escuridão, como as que de todos os lados ameaçam subverter-nos, não poderia esquecer-se a Poesia, supremo refugio immaculado, unico que nos resta onde inda será permittido sonhar, embora sem deixar de soffrer...

AFFONSO VARGAS.



## Concurso de Musica Portugueza

Tem encontrado uma decidida e excepcional sympathia este projecto, e não só os amadores de musica, como ainda muitos musicos profissionaes se têm espontaneamente associado á sua realisação, enviando donativos ou por qualquer modo appoando a sympathica iniciativa da *Sociedade de Musica de Camara*.

Podemos até affirmar, sem receio d'exagero, que esta tentativa de vulgarisação de musica portugueza, a primeira que n'estas bases se tem effectuado entre nós, terá um exito muito superior ás nossas previsões e sobretudo á hesitante expectativa dos habituaes incredulos e desanimados.

Ainda bem. Quando o Concurso apenas servisse para estimular passageiramente os poucos que em Portugal escrevem musica, já haveria alguma cousa de ganho; mas temos esperanza de que, na nobre emulação dos nossos primeiros musicos, que já nos consta

pretendem concorrer a este certamen, e no advento de alguns compositores ainda desconhecidos, se dará um passo bem largo no desenvolvimento da nossa arte, abrindo ao mesmo tempo caminho para ulteriores provas, de mais decidido e vasto alcance.

O publico, ou pelo menos, a parte do publico que se interessa pelas cousas d'arte, assim o tem comprehendido por certo, a calcular pela expontaneidade com que aqui nos teem vindo entregar donativos. Tudo nos leva a crer portanto que a importancia dos tres premios pecuniarios excederá, e talvez bastante, a verba que havia sido primitivamente estatuida; essa é sem duvida a prova mais concludente e pratica do interesse que tem despertado o Concurso de Musica Portugueza.

\*

Por absoluta falta de espaço não começamos hoje a publicação da lista dos doadores; irá no proximo numero.

Recordamos comtudo aos interessados que o objecto do concurso é: — 1.º Um quarteto para instrumentos d'arco; 2.º Uma sonata para violino e piano; 3.º Um quarteto para piano e arcos, podendo cada um dos compositores concorrer com uma só d'essas obras ou com mais, mas sempre anonymamente.

Os trabalhos teem de ser apresentados na séde da *Sociedade de Musica de Camara*, até 31 de dezembro do corrente, sendo examinados e ouvidos por um jury de 18 membros.

Haverá premios pecuniarios e menções honrosas, sendo as tres obras melhor classificadas objecto de um concerto especial da sociedade.

Prestamos gostosamente n'esta redacção quaesquer outros promenores sobre a organisação do Concurso.



## Carta das Caldas

Meu caro amigo Lambertini:

Desculpe em primeiro lugar ir roubar-lhe um pequeno espaço na sua *revista*, mas então que quer? são d'essas tentações em que somos arrastados, e quando são d'estas, ainda nos poderemos considerar felizes.

Agora a moda é sahir as fronteiras do nosso

paiz, uns por elegancia, outros para mostrarem ao proximo que possuem fortuna, não contando com aquelles que deixam de apparecer pelas ruas da Baixa e clubs, mettendose em suas casas, a fingirem que foram para o campo. São fraquezas do proximo de que não nos devemos rir, mas sim ter pena.

Pois eu, meu caro amigo, aqui me encontro ha dias nas Caldas, que era antigamente o ponto d'aguas elegante; hoje pobre terra, entregue á mais vil incuria, é a povoação onde nos sentimos mais massados; todos por cá teem o aspecto de degradados que andam a cumprir a sentença o mais breve possivel para se safarem immediatamente.

Mas a terra não tem culpa, porque possui elementos para ser umas thermas de primeira ordem. A tres horas de Lisboa, é uma localidade com lindos parques, e o centro para se darem magnificos passios á Foz do Arelho e lagôa d'Obidos, Alcobaça, Batalha, Rio Maior, etc. Mas presentemente está em abandono, os parques mal cuidados, divertimentos rarissimos, e a maldita politica mettida em todas as iniciativas, o que as faz ficar em embryão.

O que salva um pouco esta vida monotona são os concertos da Banda da Guarda Municipal, sob a habil regencia do maestro Taborda, e este anno os concertos no *club* do quintetto hespanhol, e diga-se a verdade, embora eu não esteja de accordo na vinda de artistas estrangeiros, o grupo artistico possui elementos de valor; apresentam-se bem vestidos, e a respeito de educação pódem dar lições a muitos *socios do club*; os programas são cuidados, apparecendo auctores de todas as escolas.

Mas, eu desde que vim para aqui não foi decerto para passar a vida a ver as mesmas caras que vejo constantemente em Lisboa, na Rua do Ouro e nos theatros, mas sim para gozar do campo, do verdadeiro campo, longe de todo este meio da capital que sempre enoja mais ou menos. Para isso abandono a villa e embrenho me pelos atalhos e azinhagas para respirar o ar puro do campo, e assim ouvir de perto o cantar das nascentes que brotam as aguas transparentes dos riachos. Assim gozando a natureza em toda a sua grandeza, vou-me dedicando á leitura de obras que me fallem de arte em todas as suas manifestações.

Foi por uma manhã d'estas passadas, que ao mesmo tempo que lia o ultimo numero da *Arte Musical* que o correio da vespera me trouxera e que ia estudando a ultima obra de Ricciotto Canudo *L'Homme*, deparei na revista de V. Ex.<sup>a</sup> a conclusão de um artigo chamado *Drama Musical*, traducção de parte d'um capitulo do livro de Canudo. Ora eu que tinha ficado encantado com a leitura do

livro, no meu intimo fiquei satisfeito que em uma revista portugueza apparecesse um trecho, embora incompleto, da obra do grande critico d'arte, Canudo. E digo incompleto, porque a traducção termina exactamente em um dos pontos mais interessantes quando o auctor trata de Dvorak, Grieg, e sobre tudo de Debussy!

Todavia, já essa pequena *amostra de panno* deu ensejo para que os leitores da *Arte Musical* podessem avaliar o valor da obra.

Quando chegará uma epocha feliz que valha a pena traduzir obras d'este genero? Estou certo que tarde chegará, porque infelizmente ao passo que as senhoras se entretêm a gastarem a vista em pessimos romances que o mercado francez nos inpinge, os homens gastam o tempo nas leituras de obras pornographicas e adoram o Fado cantado nos alcoices, por vozes avinhadas. Talvez muitos dos meus leitores achem demasiado cruas estas minhas palavras, mas fallo no geral, porque, se o meio em que vivemos fosse todo assim, era coisa para fugirmos logo de Portugal!

Mas agora reparo que a penna foi deslizando de mais e que o bater das tres horas da noite me veio avisar que devo pôr ponto final.

Mais uma vez lhe agradeço e creia na amizade

Caldas da Rainha, 20-8-908.

Do seu verdadeiro amigo

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

P. S. — Não quero deixar de lhe fallar em duas tardes deliciosas que passei no salão do *club*, a ouvir cantar a distincta amadora *Madame Kendall*, que em varias romanças, causou verdadeiro delirio.



## PORTUGAL

Parte a 9 de setembro para Paris o conceituado professor sr. Joaquim A. Martins Junior, contractado pela Companhia Francaza do Gramophone, para ali realizar varias sessões de cornetim.

Martins Junior é director artistico da mesma Companhia em Portugal.

O primeiro decifrador da charada publicada ultimamente foi o sr. Manuel da Motta Cardoso, a quem entregamos o annuciado brinde.

A decifração é *Soldo*.

No Asylo Feleciano de Castilho fizeram este anno exame de rudimentos de musica e violino oito dos alumnos cegos d'este benemerito estabelecimento.

O jury foi constituído pelos srs. Ernesto Vieira, Julio Cardona, Eduardo Ferreira, D. Luiza Campos, Agostinho Franco, D. Cecilia Cotinelli e João Braz, estes dois ultimos professores do mesmo asylo.

As provas foram feitas conforme os cursos adoptados no Conservatorio, apresentando-se distinctamente a maioria dos examinandos.

No salão do Hotel de Mattosinhos, teem dado sessões musicas os srs. Manuel Pinto de Figueiredo (piano), Alberto Pimenta (violino) e Henrique Perez (violoncello).

O Grande Club de Lisboa deve inaugurar na proxima epoca d'inverno a sua nova séde, na rua de S. José, antigo palacio Magalhães.

Consta que se organisarão ali alguns concertos d'amadores.

### ESTRANGEIRO

Na Opera Comica as peças novas que se darão este anno são as seguintes: — *Solange* de Gaston Salvayre, *Leona* de Samuel Rousseau, *Sanga* de Lara, *Myrtil* de Garnier, *Chiquito* de J. Nougues, *Pierre le Véridique* de Xavier Leroux e *On ne badine pas avec l'amour* de Gabriel Pierné.

A epoca começa em 1 de setembro n'este theatro.

Como se sabe, é antiga tradição em Bayreuth que os artistas nunca venham agradecer ao proscenio os applausos com que o publico os gratifica, por muito calorosos que esses applausos pareçam. Ha até a proposito d'isso anedoctas que mostram quantas diligencias, nem sempre amaveis, empregou Ricardo Wagner para evitar no *recinto sagrado* as demonstrações ruidosas do publico.

Agora, porém, na ultima representação

d'esta epoca, com o *Lohengrin*, foi o proprio Siegfried Wagner quem rompeu a tradição, vindo agradecer, *sósinho*, os applausos devéras entusiasticos com que o publico saudou o final do ultimo acto.

E como o homemsinho se não fez acompanhar pelos principaes interpretes, nem tão pouco ainda consentiu que os brilhantes directores Richter e Muck beneficiassem tambem d'essa pequenina satisfação d'amor-proprio, os jornaes entreteem-se a... morder.

E a proposito de Bayreuth, já podemos annunciar que só em 1910 se repetirão as festas wagnerianas.

Parece que já está até resolvido que as peças escolhidas serão o *Parsifal*, os *Nibelungen* e os *Mestres Cantores*.



Falleceu a 10, em Peniche, o sr. Francisco Renta, distincto musico d'aquella localidade, e em Villa Franca de Xira, os srs. José Antonio da Silva Vidal e Antonio Armando da Silva amadores de violino.

Tambem falleceram os meninos Raymundo de Macedo e Vasco Neuparth, respectivamente filhos dos professores Raymundo de Macedo (Porto) e Julio Neuparth.

Damos os sentimentos aos desolados paes.

Victima de um desastre d'automovel, morreu em 15 d'este mez o compositor francez Louis Landry.

Tendo nascido em Neuilly em 1 de janeiro de 1867, fez todos os seus estudos no Conservatorio de Paris, obtendo aos 10 annos a primeira medalha de solfejo e cursando, com especial distincção, as aulas de piano, acompanhamento, órgão, contraponto e fuga. N'estas ultimas especialidades conquistou em 1887 um segundo premio.

De temperamento calmo e simples, pouco talhado para a lucha, abandonou a classe de composição de Massenet e entrou como mestre de capella em S. Roque e como chefe de canto na Opera Comica.

Era ultimamente director d'orchestra n'este theatro.

A ARTE MUSICAL  
 Publicação quinzenal de musica e theatros  
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.  
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
 BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.  
 PARIS. — 334. RUE ST. HONORE.  
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.



OSCAR BRANDSTETTER  
 LEIPZIG  
 Grandes officinas  
 de IMPRESSÃO DE MUSICA  
 em todos os generos  
 Typographia, Lithographia  
 Autographia  
 Composição mechanica  
 Machinas rotativas  
 Instalações especiaes  
 para grandes  
 tiragens

LAMBERTINI

REPRESENTANTE

E

Unico depositario

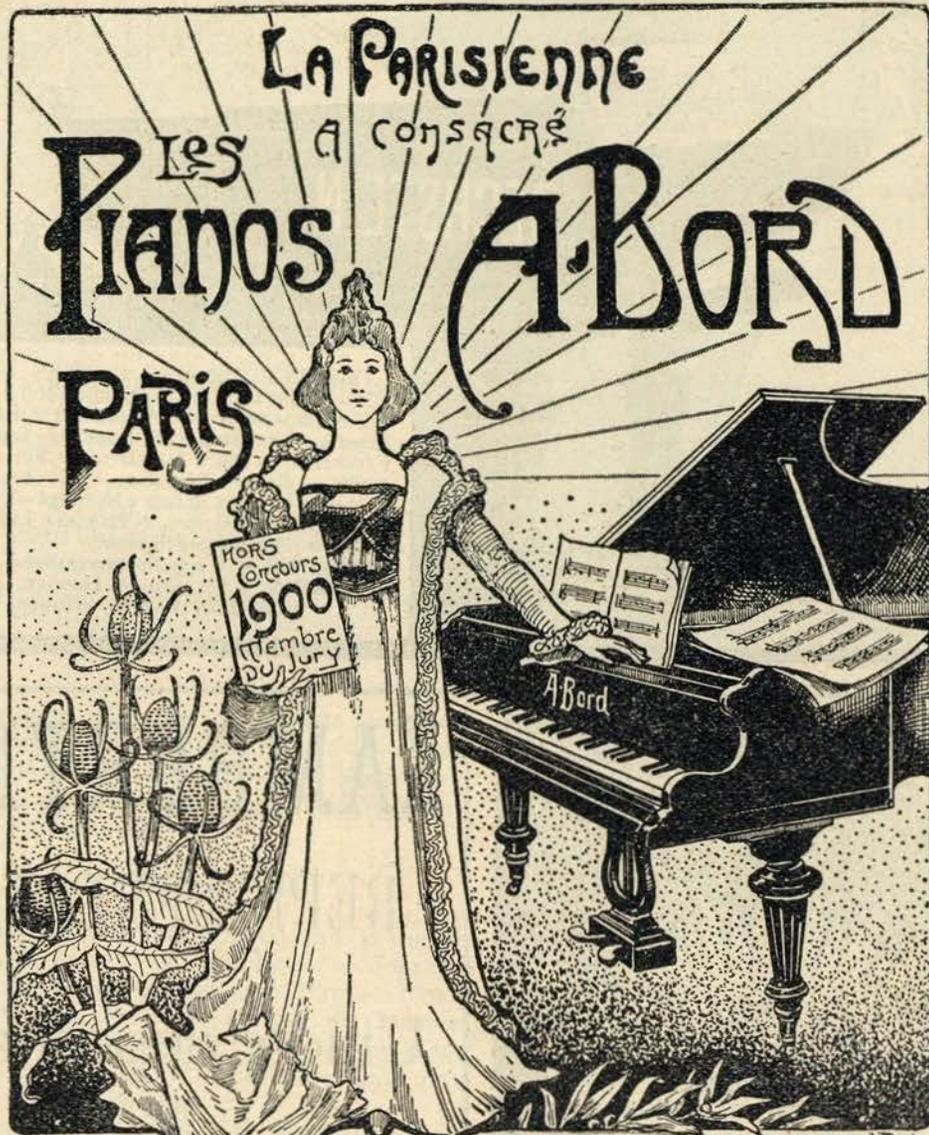
DOS

Celebres pianos

DE

BECHSTEIN

Praça dos Restauradores



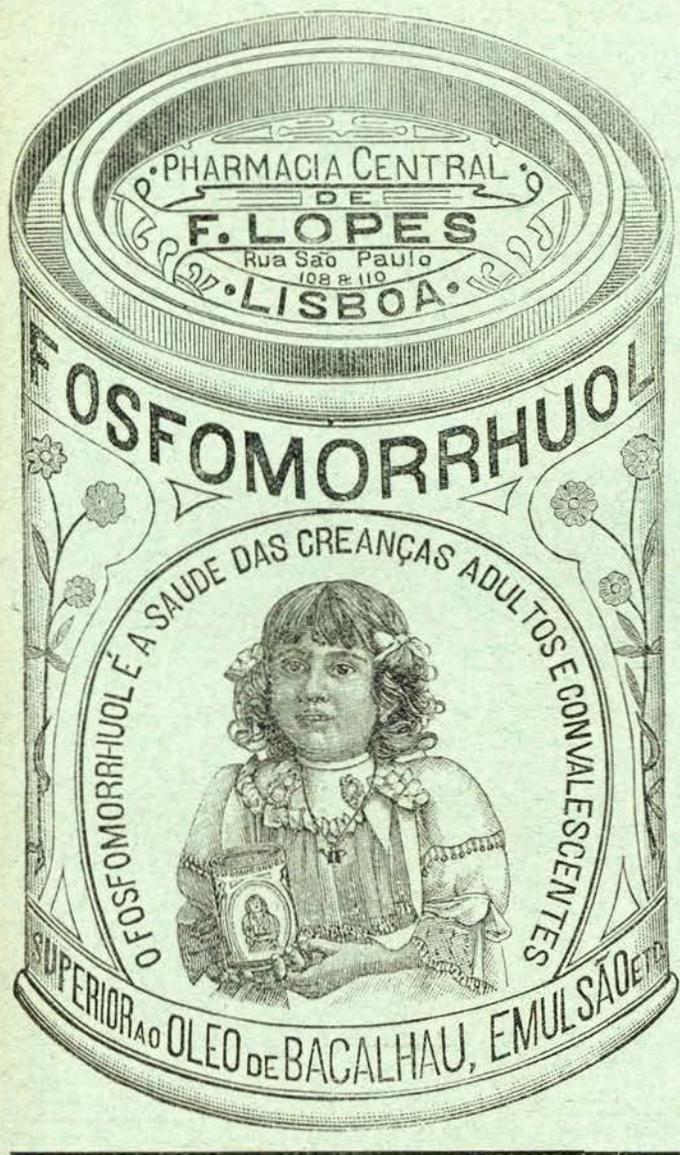
14 bis BOUL' POISSONNIERE <sup>J. Falte</sup>

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	5:000
Produção até hoje.....	116:000

**Exposição Universal de Paris (1900)**

Membro do Jury — Hors concours



# LAMBERTINI

Representante dos Editores  
Franceses

Edições economicas de Ricordi,  
Peters, Breitkopf, Litolff, Stein-  
gräber, etc.

## Partituras de Operas

Antigas e modernas  
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Façam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

## PROFESSORES DE MUSICA

<b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
<b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
<b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
<b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
<b>Antonio Soller</b> , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
<b>Alfredo Napoleão</b> , professor de piano, <i>T. Nova de S. Domingos, 34, 1.º</i>
<b>Candida Cilia</b> , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D</i>
<b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
<b>Carolina Palhares</b> , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
<b>Eduardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
<b>Elisabeth Von Stein</b> , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião, 9, 2.º</i>
<b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
<b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
<b>Francisco Benetó</b> , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
<b>Guilhermina Callado</b> , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
<b>Joaquim A. Martins Junior</b> , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
<b>Joaquim F. Ferreira da Silva</b> , prof. de violino, <i>Rua José Estevão, 50, 3.º, E.</i>
<b>José Henrique dos Santos</b> , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
<b>Julieta Hirsch Penha</b> , profes.ª de canto, <i>Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º</i>
<b>Léon Jamet</b> , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
<b>Lucila Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
<b>M.ª Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 51, 4.º</i>
<b>Manuel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
<b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
<b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
<b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º, D.</i>
<b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

### A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

*Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração*

**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA**